

Nova Cartografia Social da Comunidade Quilombola Pesqueira de Garapuá Cairu, Baixo Sul - Bahia



Junho de 2026

Expediente:

Realização:

Comunidades Quilombolas e Pesqueira de Garapuá / Associação ASSOCIAÇÃO QUILOMBOLA E PESQUEIRA DE GARAPUÁ CNPJ Nº 00.836.653/0001-05
Contatos: garapuacomunidade@gmail.com

Valdir Queroz Junior
Gilvan Santos Cabral
Breno Cesar Santos
Erenildo Santana da Cruz
Jakson Santos de Jesus
Fernanda Gonçalves dos Santos
Juliana de Jesus Leal
Sandra Santos Albuquerque
José Carlos da Cruz Santos
Carina dos Santos Lemos
Jean dos Santos de Jesus
Camila Queloz Avelaz
Verônica de Jesus de Souza
Clediane Santos da Paz
Sandra Santos Albuquerque
José Carlos da Cruz Santos

Carina dos Santos Lemos
Jean dos Santos de Jesus
Camila Queloz Avelaz
Verônica de Jesus de Souza
Clediane Santos da Paz
Elizabeth Regina Santos Paz
Lucyana Pereira Luz de Oliveira
Zineide de Jesus Pimentel
Rosana Jesus Santos
Crisvaldo Marinho do Eosário
Maria da Conceição Santos Luz
Jodaias dos Santos Oliveira
fransiele Pimentel dos Santos
Emilia santos da paz
Bruna Souza dos Santos
Cintia de Fatima Paz de Freitas

Equipe de pesquisa

Alzení de Freitas Tomáz
André Luís Oliveira Pereira de Souza
Bianca Mirelly Araújo Silva
Luiz Felipe Bezerra
Luiz Gustavo Nóia Araújo
Bruno Manuel Lima
Eduardo Alvares da Silva Barcelos
Antonio Bispo dos Santos Junior
Dalila Alves
Rosana D'Ajuda de Souza

Diagramação:

Daniela Bento Alexandre

Fotos e Gravações:

Alzení Tomáz
Arquivo CPP

Mapa:

Rosana D'Ajuda de Souza
Eduardo Alvares da Silva Barcelos
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano, IF Baiano, campus Valença

Ficha catalográfica

N935 Nova cartografia social da comunidade quilombola pesqueira de Garapuá, Cairu - Baixo Sul - Bahia. [recurso eletrônico]. / Associação Quilombola e Pesqueira de Garapuá. / equipe de pesquisa: Alzení de Freitas Tomáz, André Luís Oliveira Pereira de Souza, Bianca Mirelly Araújo Silva ... [et al.]. - Paulo Afonso, BA: Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH, 2026.

Recurso online (28 p.) : il. color., pdf.

ISBN: 978-65-5732-105-8

Disponível em: <https://www.sabeh.org.br/cartografias/>

1. Cartografia social - Garapuá (Cairu, BA). 2. Comunidades quilombolas - Bahia. 3. Pesca tradicional - Aspectos sociais. 4. Memória e identidade cultural. I. Tomáz, Alzení de Freitas. II. Souza, André Luís Oliveira Pereira de. III. Silva, Bianca Mirelly Araújo. IV. Associação Quilombola e Pesqueira de Garapuá. V. Sociedade Brasileira de Ecologia Humana - SABEH. VI. Título.

CDU: 316.33(81)

CDD: 305.8

Ficha catalográfica elaborada por Maria de Fátima Santos de Lima
Bibliotecária-Documentalista CRB - 5/ 1801



MEMÓRIA, IDENTIDADE E MODO DE VIVER

“Minha infância, minha vida são nesse território: nesses matos, nessas praias, nesses mangues, nesses campos. Então, minha infância foi se alimentando dessas frutas – do araçá, da goiaba, do caju, da manga – e de todas as frutas que aqui a terra oferece pra gente. Costumo dizer que eu não cresci me alimentando de salgadinhos, de refrigerantes, de nada industrializado; eu cresci me alimentando do pescado, das coisas deste lugar.” (Jailma, 37 anos).

"A maior parte do alimento a que a gente tem acesso é o pescado, os mariscos; e o nosso lanche da tarde eram as frutas dos matos de acordo com a época. Época de goiaba, era de araçá; época do caju, era muito caju: era doce de caju, caju in natura, tudo do caju. Da manga também. O coco: o coco seco, a água do coco seco, a água do coco verde, a carne do coco verde, a carne do coco seco que vai pra nossa cultura das moquecas. Aqui a gente tem os peixes característicos para usar o leite de coco. Aquela garrafinha que geralmente as pessoas de outros lugares usam na moqueca, aqui é o coco mesmo, batido no liquidificador – que antes era ralado no ralo produzido na comunidade. Eu cresci ajudando a tirar o leite do coco para fazer o óleo de coco com água quente, machucando aquele coco ralado na mão. Então, a técnica do ralar é bem tradicional aqui. Nós temos uma vida saudável por esses costumes, por nossa alimentação. Temos aqui um ambiente saudável: mato, frutas, mariscos, peixes pescados..." (Jailma, 37 anos).



Imagem 4: oficina da comunidade Garapua e Vando (foto arquivo CPP)

"Eu cresci, comecei a estudar e estudei bastante sobre reforma agrária. E aí, quando eu voltava para a comunidade, observava as terras de Garapua, que iam se caracterizando como latifúndio; só que não parecia perigoso porque não proibiam a comunidade de ter acesso às frutas, às matas, a pegar o guaiamu e tal. Então, a gente não entendia como tão perigoso assim. Mas, ainda assim, começamos a perceber que nossos espaços de moradia estavam ficando bastante reduzidos. Eu percebia e aí dizia: por que essa reforma agrária não acontece aqui na minha comunidade também?" (Jailma, 37 anos).



Imagem 5: Lagoa da Vila de Garapuá (Arquivo Comunidade Garapuá)

“

"Aqui vivemos à base da pesca da comunidade de Garapuá, conhecida como chapada, e aqui tem uma grande vegetação natural. Há três tipos de mangue: mangue-vermelho, branco e siribeira. O mangue-vermelho tem as folhas pontudas, de cor verde bem forte, e a característica dele são as raízes. Então, a gente tem o mangue-vermelho, que é esse aí; temos a siriba, que é esse outro mangue aqui – se você vir, a folha é totalmente diferente uma da outra; e temos o mangue-branco, esse um pouco aqui acima. Veja que o tronco dele e as raízes são bem diferentes; a característica do mangue-branco é o pecíolo da folha, você vê que é meio rosado, meio avermelhado." (Valdir Queiroz Junior, 38 anos).

"Aqui a gente tem a parte da chapada, que é uma ilha no meio do mangue, onde a comunidade de Garapuá vem para pegar os mariscos, para poder se alimentar e ter sua renda mensalmente. Aqui também é um mangue-vermelho. Você vê que aqui é uma árvore mais velha, mas percebe que as raízes dela vêm brotando. Esse aqui é o fruto do mangue-vermelho. Por que ele é projetado assim? Para que caia e aqui mesmo possa brotar. Esse é o fruto que se chama cachimbo, e o cachimbo é o alimento do caranguejo; junto com essas folhinhas amarelas, a folha, a raiz e o fruto são os alimentos do caranguejo." (Valdir Queiroz Junior, 38 anos).

MEMÓRIA, IDENTIDADE E MODO DE VIVER

”

Aqui é uma área que você vê que ainda tem areia, porque é uma prainha no meio do mangue, a gente não tem aquela lama, mas é aí que pro centro do mangue tem lama onde tem bastante caranguejo, bastante lambreta. O manguezal é o berçário onde abriga um monte de espécies de peixes, então tudo começa no manguezal. Manguezal é o berçário de várias espécies de peixe, crustáceos, que vão crescendo até chegar uma certa idade para poder sair pro alto-mar”. (Valdir Queiroz Junior, 38 anos).



A importância é que a gente tem que preservar porque isso não pode acabar, porque se isso acabar vai acabar com muita vida, muitas espécies de peixe que já estão em extinção, a gente tem que cuidar pra que isso não venha acontecer porque ver nossos filhos, nossos filhos tem que chegar a ver o que a gente já viu e tentar preservar também como a gente vem preservando”. (Valdir Queiroz Junior, 38 anos).

"Aqui a gente tem a parte da chapada, que é uma ilha no meio do mangue, onde a comunidade de Garapuí vem para pegar os mariscos, para poder se alimentar e ter sua renda mensalmente. Aqui também é um mangue-vermelho. Você vê que aqui é uma árvore mais velha, mas percebe que as raízes dela vêm brotando. Esse aqui é o fruto do mangue-vermelho. Por que ele é projetado assim? Para que caia e aqui mesmo possa brotar. Esse é o fruto que se chama cachimbo, e o cachimbo é o alimento do caranguejo; junto com essas folhinhas amarelas, a folha, a raiz e o fruto são os alimentos do caranguejo." (Valdir Queiroz Junior, 38 anos).



"Aqui, quando um ente querido da comunidade morre, a gente o leva até o porto da comunidade, que é onde fica o cemitério; aí vai todo mundo caminhando, leva e enterra. Quando a gente volta, a cultura é tomar um banho na lagoa para tirar o peso do cemitério. Então, a lagoa, além de abastecer toda a comunidade com água para todas as casas, e além de ser linda e maravilhosa – com o verde das matas só ao redor, o que fica lindo –, tem a parte da tradição cultural, a tradição do povo negro da comunidade." (Jailma, 37 anos).

E como vai ser quando no futuro não existir, onde é que eu vou morar? Eu me perguntava isso no meu período de estudo, e... depois disso, quando eu parei de estudar, voltei e comecei a viver minha vida na comunidade, trabalhando e sempre participando das discussões. Em um determinado momento, eu percebi que estavam vindo alguns empreendimentos para a comunidade e eu acabei me preocupando, possivelmente, com a construção de uma determinada ponte por cima da lagoa e eu fiquei bastante preocupada porque essa lagoa, a lagoa que abastece toda a comunidade, é a lagoa de água vermelha, bonita para banho, de cultura tradicional. (Jailma, 37 anos)

"Aqui a gente tem a parte da chapada, que é uma ilha no meio do mangue, onde a comunidade de Garapuá vem para pegar os mariscos, para poder se alimentar e ter sua renda mensalmente. Aqui também é um mangue-vermelho. Você vê que aqui é uma árvore mais velha, mas percebe que as raízes dela vêm brotando. Esse aqui é o fruto do mangue-vermelho. Por que ele é projetado assim? Para que caia e aqui mesmo possa brotar. Esse é o fruto que se chama cachimbo, e o cachimbo é o alimento do caranguejo; junto com essas folhinhas amarelas, a folha, a raiz e o fruto são os alimentos do caranguejo." (Valdir Queiroz Junior, 38 anos).

A lagoa pra nós é sagrada. Ela limpa o peso do cemitério. No mínimo, quando a gente enterra alguém, tem que lavar ao menos os pés antes de entrar em casa ou tomar um banho pra tirar aquela areia de lá do cemitério. E outra questão também é a roupa, aí quando você toma o banho na lagoa, você vem toda molhada aí você tira a roupa e bota fora, roupa de cemitério não fica dentro de casa. (Jailma, 37 anos)



MEMÓRIA, IDENTIDADE E MODO DE VIVER



"A tradição como povo negro tem algumas regras a seguir, como, por exemplo, a regra de que, em determinados dias santos, não se deve varrer a casa nem jogar o lixo para fora – e sim colocar o lixo atrás da porta. Então, essas superstições da comunidade, a gente acredita fortemente nelas e até hoje são praticadas... Uma determinada vez, eu vim de Valença; a gente faz o percurso de carrocinha na comunidade e, quando eu fiz esse percurso, um morador falou: 'Olha que absurdo! Estão loteando uma área do lado da lagoa, colocando cerca para fazer casas aqui, vender e, possivelmente, quem comprar fará casa. A gente não vai permitir isso'." (*Jailma, 37 anos*).

"Aí eu vinha... Quando a gente vinha para aquela lagoa ali lavar roupa, a gente pegava água na cabeça, balde na cabeça. Água a gente pegava na lagoa para o uso de casa, para lavar louça; a gente pegava na cabeça e vinha com uns baldes de água na cabeça, vinha lavar roupa. Aquilo ali era fechado de mato e cajueiro, muito pé de fruta – tem uma ali ainda que eu esqueço o nome dela. Era tudo fechado ali, de modo que, para a gente lavar, tinha que ficar uma pessoa tomando conta, porque era muito mato, passava muito bicho, muita caça... Essas coisas assim. Tinha que ficar uma pessoa tomando conta da gente para a gente poder terminar de lavar a roupa. Só que veio esse povo de fora, desmataram tudo, cercaram tudo. Acabaram com as fruteiras, com os cajueiros; perdemos a nossa alimentação nativa." (*Dona Maria das Graças*).



"Do Porto dos Vileiros eu já fui até a casa dele. Sou afilhada do pai dele, que já faleceu. Como a gente vivia aqui, ele era quase como se fosse meu próprio pai. Quando ele saiu daqui, eu sempre perguntava ao meu pai: 'Como foi que essa fazenda surgiu?' E meu pai respondia: 'Não foi Zé Duque? Foi Carlos Coutinho... Zé Duque também era o avô dele. Ele chegou aqui, encontrou esse matagal, mandou derrubar, pagou para limpar e poder plantar. E assim nasceu a fazenda.' Eu sempre perguntava isso porque ele era muito amigo do meu pai." (*Dona Maria das Graças*).



Imagem 6: Pés de Dendezeiros (foto: Alzení Tomáz, 2022)

"Quando cheguei aqui, já havia muitos pés de dendezeiro, altos e enormes. Era até difícil de compreender; essa era a marca desse lugar. Eles já estavam grandes assim. Eu vivo aqui há quarenta e um anos, e já fazia uns quarenta anos que esses dendezeiros estavam aí." (*Seu João*).

"Quando cheguei, o caminho era duro; a gente trazia um carro de mão porque ninguém tinha nada. Íamos buscar sempre as ingás. Um dia, ele me chamou: 'Vamos ver as ingás?' Eu disse: 'Vamos.' Mas nunca mais... O jenipapo também, nunca mais. Quando cheguei lá, não reconheci a estrada. Falei: 'Meu Deus, que estrada é essa? É mesmo a estrada?' Se eu viesse sozinha, não saberia mais. Ele disse: 'Foi porque cercaram tudo.' Eu olhei para os lados: os dendezeiros de onde a gente colhia dendê estavam cercados. Falei: 'E agora, como vamos ver? Eu não vou pular cerca.' Ele disse: 'Pule aí.' Mas eu respondi: 'Não vou pular cerca para ver nada. Nunca vi isso: cerca em todo canto, cerca aqui, cerca ali.' Eu não reconheci mais esse lugar." (*Dona Maria das Graças*).



TERRITÓRIO E CONFLITOS

"A lagoa para nós é sagrada. E constatamos que estavam cercando e loteando a lagoa; ao ver quem era, constatamos que era a família Coutinho. Ninguém sabe a articulação que foi feita, ninguém sabe se foi comprado ou doado. Precisamos saber se foi uma articulação com a Prefeitura Municipal de Cairu para fazer loteamento aqui. O secretário de administração da época, Marcos Adeodato, já tinha trazido para a comunidade material para a construção da possível casa dele; além de ter sido da antiga gestão, ele também é advogado e professor. Mas nunca chegou a consultar a comunidade. A comunidade, então, foi lá e impediu, e treze pessoas foram indiciadas – pessoas que nunca tinham ido para uma delegacia. Não foi fácil. Foi quando pedimos socorro para o Conselho Pastoral dos Pescadores, o CPP. O CPP articulou o advogado; veio também o Fiúza, que é advogado e parceiro, e fez a defesa das pessoas. A partir daqui, começa a defesa do Território de Garapuí." *(Jailma, 37 anos).*



Imagem 7: terreiro pesqueiro do mangue (foto: Alzeni, 2023)



TERRITÓRIO E CONFLITOS

"Quando eu cheguei aqui, não tinha cerca nessas fazendas; nós caminhávamos nas antigas estradas, que conheço de ponta a ponta. Daqui até o Pontal, nós saíamos num trator: subia na praia pelo lado de lá da sede do quadro e descia no Rio da Nação, subia novamente, ia por dentro do coqueiral do Pontal até a beira do rio para atravessar para Boipeba. E aí, de uns anos para cá, um rapaz de nome Alemão fundou um passeio, e esse passeio dependia desse trajeto. Eu trabalhava no trator de Aloízio Pimentel e, dali para lá, eu fazia vários passeios para atravessar direto por dentro – ninguém empatava. Agora ninguém passa mais. De uns anos para cá, apareceram uns donos do Pontal e aí inventaram de proibir, aí ninguém mais passa por dentro; fizeram uma pista de avião para cortar a passagem." (*João Dutra*).

"Tem uma área lá, recartilhada por trás do manguezal, que desmataram tudo. Era uma boa área, que estava lá preservada, aí desmataram para fazer um canal para construir uma balsa; e aí tiraram o direito dos nativos de passarem por dentro do coqueiral e também de passarem beirando o coqueiral por fora." (*João Dutra*).

"Para que levantar o Pontal para essa pessoa ver? E fizeram um canal com bomba para escavar, para construir uma balsa; aí tiraram o direito do pessoal passar. O coqueiral por onde a gente passava, fecharam; ninguém passa mais. Quando a gente passava, tinha duas estradas: era por dentro do coqueiral e beirando o coqueiral por fora, próximo aos coqueiros. Hoje é uma distância tal que a gente nem vê; só vê o coqueiral pelas palhas, de longe. Direto que se vai, tem que passar nos fundos da pista, no poente, até o lugar do porto... E esse manguezal aí, tanto caranguejo que foi destruído!" (*João Dutra*).

"E aí tiraram o direito do pessoal passar; o coqueiral por onde a gente passava por dentro, fecharam e ninguém passa mais. Tinha duas estradas: uma era por dentro e a outra era beirando o coqueiral por fora. Hoje é tão distante que a gente só vê o coqueiral pelas palhas. Essa fazenda aqui não tinha cerca, não era cercada; de Garapuá até o Pontal não tinha cerca, passava-se de trator sem ter cerca. Beirando a praia tinha umas amendoeiras no lugar em que a gente passava; hoje não existem mais. A finada Dirce vendeu a parte do pastinho a Daniel Dantas e ele mexeu na cerca; onde antes passava trator, hoje até moto tem dificuldade de passar. E amanhã? Vai passar por onde, se tudo é cercado? A gente quer passar e eles não permitem, e aí estamos nessa situação, encurralados, porque não temos direito de acesso a nada. No inverno ninguém pode plantar um pé de pimenta numa área porque não tem. Dizia meu ex-patrão: 'A pessoa que vive num lugar onde não tem onde plantar, não pode viver.' Como é que se vive num lugar desse?"



Figura 8: território sagrado e invasão de posseiros, gringos invadem áreas e constroem sem autorização dentro do manguezal (Foto: Alzeni, 2023)



“

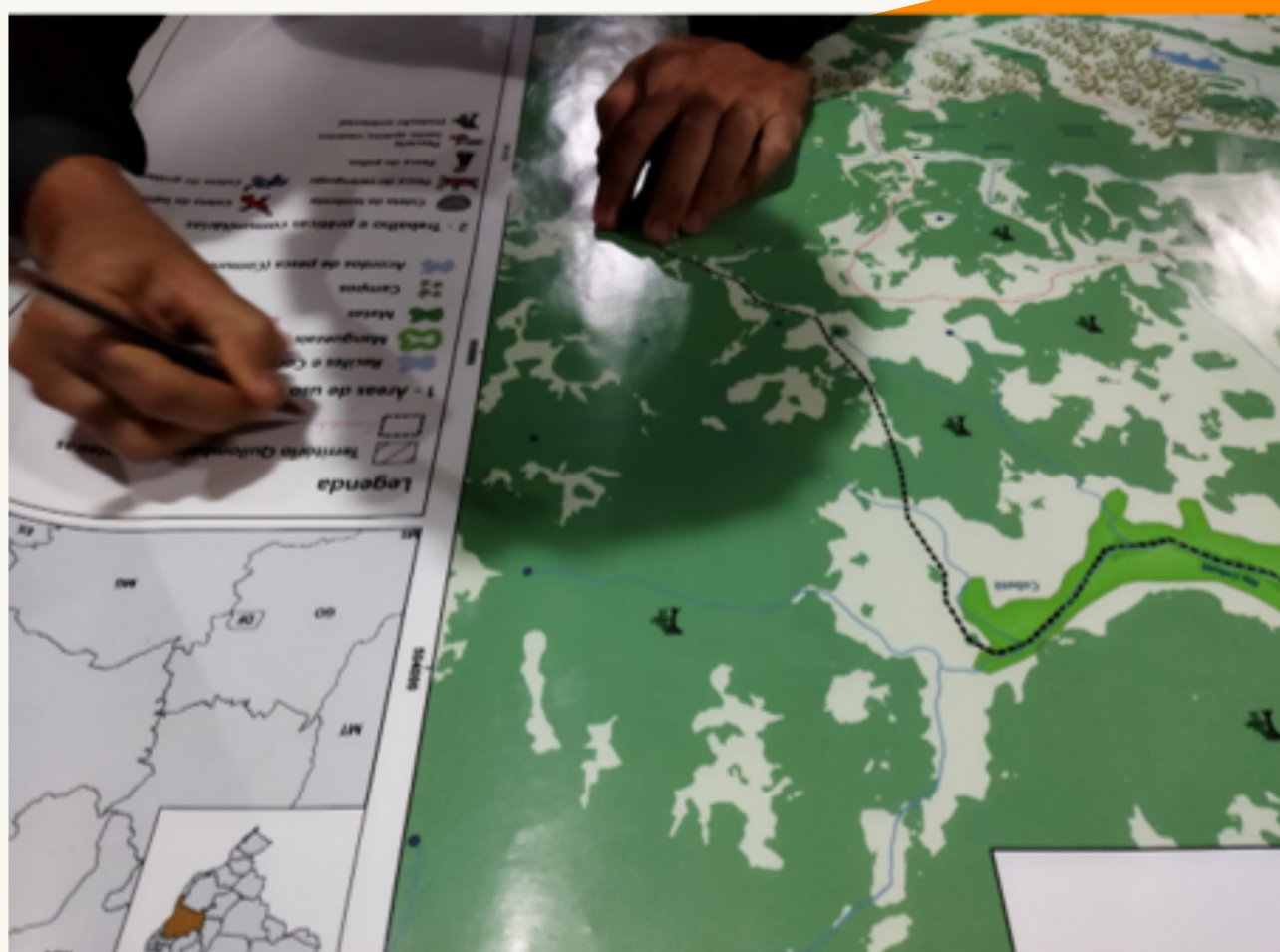
Por ser uma comunidade tradicional, por ter as características da ancestralidade dos africanos, dos ex-escravizados, e por ter esses traços definidos, nós temos a cultura dos terreiros tradicionais, das oferendas; nossos campos, até hoje, são territórios de oferendas. Os principais são os campos, e depois vêm as praias também. Aqui, diferente de Salvador, por exemplo, onde as oferendas são feitas nas esquinas, a gente as realiza nos campos e nas praias, e não nas esquinas. Então, o campo é bem amplo: caminhando por eles, você encontra muitos vestígios de oferendas deixadas por cada um para determinados fins. Isso também faz parte da cultura das ervas medicinais, que a gente tem até hoje; usamos as matas, as folhas e as ervas para a nossa saúde, para a nossa limpeza de corpo e tudo mais de que precisamos.

Ainda sobre a medicina, por exemplo, meu pai pega a amescla, que é uma resina da madeira, bota na água e toma; a gente toma e é uma delícia, e várias pessoas que chegam aqui na comunidade, quando bebem essa água, se encantam e pedem um pedacinho para levar. Inclusive, a gente mostrou essa amescla à antropóloga do Ministério Público Federal, Sheila Brasileiro. Meu pai faz, a partir das ervas daqui do território de Garapuá, um xarope – um xarope que é bem escuro, à base de cupim e várias ervas medicinais. Ele pode explicar para você, assim como explicou para a Sheila e mostrou alguns exemplos. Então, é uma quantidade imensa de ervas que hoje ele costuma dizer que estão em escassez, porque é diferente do povo tradicional da comunidade, que só utiliza o espaço para moradia e plantio.

”



"A luta mais clara assim... Antes, tinha a questão de a gente se preocupar com esse tal empreendimento com ponte por cima da lagoa, mas a luta mobilizando a comunidade começa nesta defesa da lagoa: na defesa da água, na defesa de nosso lugar sagrado." (Jailma, 37 anos).



"E aí, a partir daí, a gente começou a defender esse pessoal, e eles começaram a se articular com várias acusações contra a gente. Então, começamos a nos reunir com o vice-presidente da associação, já que o presidente não queria muito participar dessas discussões porque fazia parte da administração do município. Aí o vice-presidente participou dessas discussões com a gente para ver de que forma protegeríamos esse território. Depois, eu assumi a associação, ficando na presidência, e daí fomos discutindo, além da parte da Lagoa, quais áreas deveriam entrar na TAUS – Termo de Autorização de Uso Sustentável." (Jailma, 37 anos).



Imagem 9: Oficina de Cartografia, produção dos croquis (foto: Tomáz, 2023)

"Os empresários e a família Coutinho ficaram empolvorados com isso, negando a nossa existência e a nossa condição, como é de costume! Dizendo que éramos falsos e que tínhamos produzido documentos falsos. Acontece que, além de pedir o reconhecimento como comunidade quilombola de uma maneira formal, nós também solicitamos a TAUS, que é um jeito de impedir que os empreendimentos devastem tudo por aqui, além de garantir nossa existência nesse território. Aqui estamos denunciando muitas coisas, muitas irregularidades." (Jailma, 37 anos).



Os empresários e a família Coutinho ficaram empolvorosos com isso, negando a nossa existência e a nossa condição, como é de costume! Dizendo que éramos falsos e produzimos documentos falsos. Acontece, que além de pedir o reconhecimento como comunidade quilombola de uma maneira formal, nós também, solicitamos a TAUS que é um jeito de impedir que os empreendimentos devastam com tudo por aqui, além de garantir nossa existência nesse território. Aqui estamos denunciando muitas coisas, muitas irregularidades. *(Jailma, 37 anos)*.

Meu nome é Evandro dos Santos, tenho 42 anos, sou carpinteiro e pescador. Pesco lagosta, polvo, camarão, peixe, siri, caranguejo, o que tiver. Caranguejo eu pego no mangue; camarão, peixe, lagosta e polvo nos arrecifes, nos corais. Uso rede, arpão e mergulho só com pé de pato, máscara e roupa de neoprene. Tem semana que é todo dia, tem vez que é três, quatro vezes... depende do clima. Se a água estiver boa, nós mergulha direto, nós pesca direto. *(Evando dos Santos)*



No mangue pego lambreta, siri, aratu. Os pesqueiros são longe, trinta, quarenta, cinquenta minutos, até uma hora de relógio. Tem lugar perto, tem lugar longe: Casa dos Pau é perto, Lisboa já é mais longe, Pedarta mais longe ainda, Camboa Velha mais longe ainda, e Panam mais longe ainda. E ainda tem as cercas: fazendeiros vão tomando tudo, vendem terra que não é deles, botam cerca e atrapalham o acesso. Antigamente a gente passava livre, hoje tem que dar volta. Pelo mar a gente vai de canoa, mas quando a maré não dá, tem que ir por terra e andar mais por causa das cercas. *(Evando dos Santos)*

A pesca hoje não garante a renda da família. Tem período bom, a gente ganha dinheiro; tem período ruim, não dá nada. No verão é melhor, no inverno é fraco: água fria, temporal, ninguém compra. O mangue tá mal cuidado, muito lixo, árvores caindo, raízes cortadas. Os fazendeiros cercaram tudo, venderam os lugares, tiraram o acesso. Vem gente de fora, compra terreno, faz casa de veraneio, depois vira pousada. Isso prejudica a comunidade, porque antigamente as casas alugavam no verão, hoje não alugam mais. Perto do Mataburu mesmo já tem 14 apartamentos vendendo. Eu pesco com um camarada, às vezes três pessoas no mergulho. No mangue vai o grupo todo: cinco, seis, dez pessoas. Pegamos siri, caranguejo, aratu, lambreta. Essa pesca serve pra comercializar e pra consumo. Tem dia de galinha gorda, tem dia de galinha magra. *(Evando dos Santos)*



Meu nome é Ana Paula de Jesus Leal, tenho 48 anos, moro em Garapoá e sou marisqueira. O manguezal é minha vida, é de onde eu tiro meu sustento, criei minhas filhas, construí minha casa. Eu bato no peito e digo: sou marisqueira profissional, com muito orgulho. (Ana Paula)

”

Eu tiro lambreta, siri, caranguejo, de tudo um pouco. Trabalho de segunda a sexta, junto com minhas colegas, cada uma procura seu ponto e depois voltamos juntas. O mangue já foi melhor, hoje tem muita gente de fora que corta as raízes com facão e destrói. Eu trabalho de mão, deixo as pequenas pra crescer. É longe, uns 40 minutos andando ligeiro, mas vale porque é dali que vem nossa renda. (Ana Paula)

“

Eu não troco meu mangue por nada. Trabalho nele de inverno a verão. Tem semana que eu ganho dois mil em cinco dias, tirando dúzia de lambreta. Melhor do que trabalhar em quiosque ou cozinha dos outros por um salário mínimo. No mangue eu sou independente, vou na hora que quero, volto na hora que quero. Apesar das dificuldades, enquanto eu tiver força nos braços, eu estou lá, firme e forte. O mangue é tudo pra mim. (Ana Paula)

”

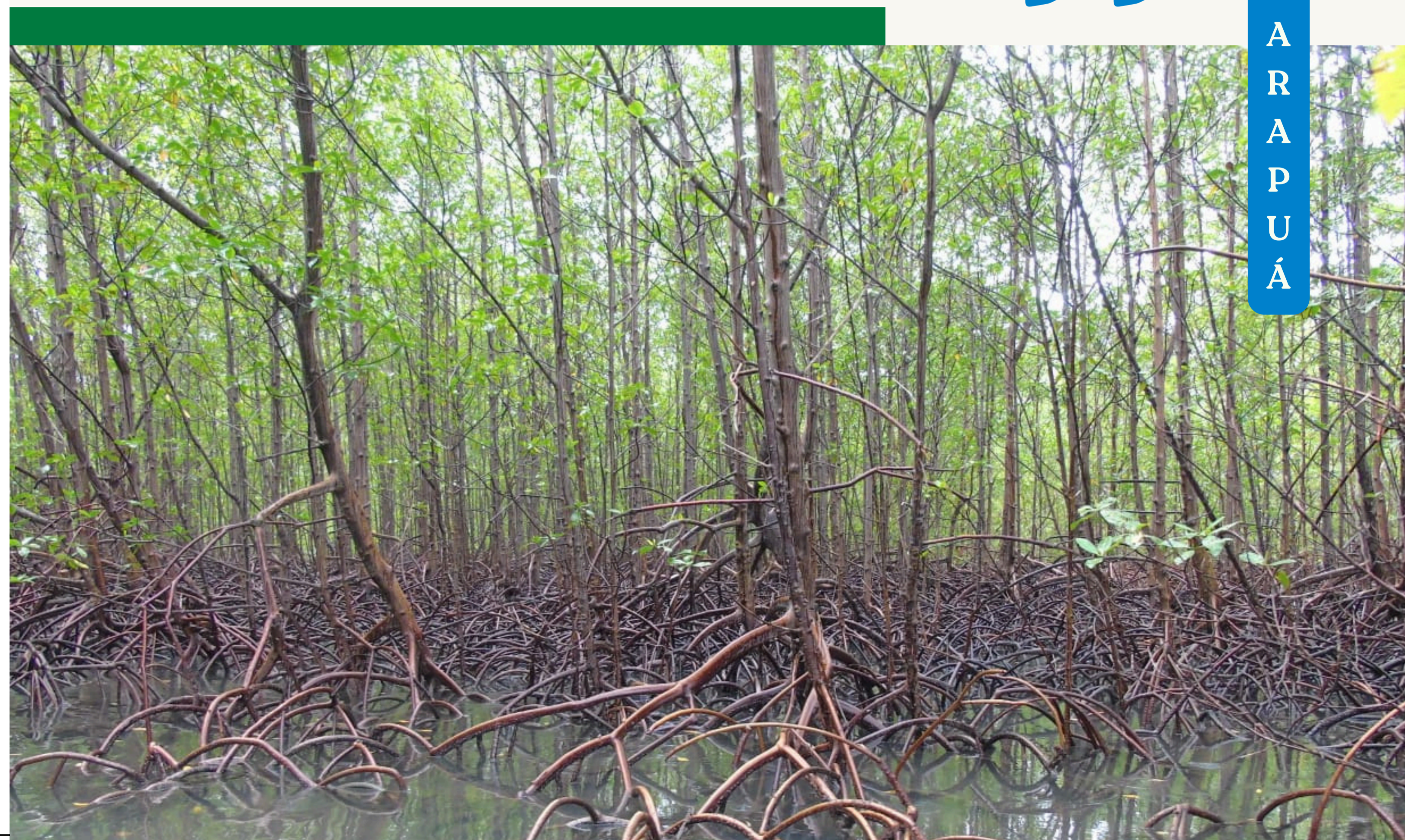
O
T
E
R
R
I
T
Ó
R
I
O
G
A
R
A
P
U
Á



Imagem 10: especulação imobiliária, invasão das praias (Tomáz, 2023)

Garapuá é uma comunidade negra tradicional quilombola e pesqueira que preserva o seu modo de vida tradicional, sua cultura e meio de sobrevivência. A comunidade vive de pescaria, mariscagem, artesanato, pequenos comércios, agricultura e atividades de turismo comunitário. Uma localidade tranquila de pessoas simples, honestas e trabalhadoras que ultimamente vem sendo alvo de grandes empresários que desejam usurpar terras tradicionalmente ocupadas pela comunidade para realização de megaempreendimentos, como resorts, condomínios fechados, loteamentos ilegais em terras públicas para venda, projetos de privatizar a lagoa (recurso hídrico que abastece a comunidade), intencionando deixar Garapuá cercada sem as possibilidades de suas famílias poderem utilizar seu próprio território tradicional. Inúmeras famílias estão sem acesso a um espaço para viver, tendo que morar de favor ou se amontoar na casa de parentes.




Garapuá, por ser ilha e ter praias muito bonitas, vem uma avalanche de pessoas de outros Estados, de outros países, com interesse não apenas de praticar turismo, mas também de especular terras por aqui. Então, eles pegam uma grande área de terra aqui e fazem aquela devastação. Muitas vezes, quando plantam, plantam espécies que não são características do lugar. A gente tem um exemplo agora de um empresário, com a empresa chamada 'Garapuá participações', que tem envolvimento com Daniel Dantas: eles plantaram acácias, acácias numa área de proximidade das lagoa, que é uma área de domínio deles.

E veja todos os nossos... que é território de oferendas, que é área de buscar as plantas medicinais. Por exemplo, a cultura daqui é da gente pegar rapé – que a gente chama de rapé, que é um tipo de orquídea que a gente coloca na casa, que dá cheiro na casa... É, todos esses espaços nos nossos campos estão demarcados por invasores, e a gente não sabe nem como foi que aconteceu isso. Eles trouxeram gente pra cá, topógrafo, demarcaram e, quando a gente viu, já tá no chão as matas, tudo devastado pra fazer especulação. Ver se pode!?

Então, é um território literalmente dividido por uso comum. Então assim, imagina: vai cercar e vai deixar o que pra gente circular em nossos territórios? Espaços fechados, como alguns espaços que eles já estão fazendo nas proximidades da praia... E como é que ficarão as planícies de Garapuá?! Nosso território é bem plano, ele não tem planaltos. Sendo planícies, ele alaga com muita facilidade, mas também a gente tem muito arial; no verão é muita areia, por isso a gente precisa de um veículo 4x4 para conseguir transitar de Garapuá pra Batateira e outras regiões, pro Morro. Nós daqui do lugar temos a artimanha de circular e sobreviver em nosso território. A gente tem vários caminhos de verão a verão – eles se modificam –, e temos vários caminhos no inverno, que também se modificam.





Aqui não tinha nada disso, a gente sempre andou livremente neste espaço. Quer dizer que, no futuro próximo, esses espaços serão cercados? E a gente, nativo do lugar, vamos ficar como? Como que a gente vai chegar até o território da Batateira? Que é um território que a gente usa para transporte até Valença, e até para visitas de comunidade tradicional para comunidade tradicional, de Garapuá para Batateira, por exemplo. O Quilombo da Batateira precisa diretamente do Quilombo de Garapuá para usar os manguezais de cá, que eles têm cultura dos manguezais e das praias de cá; e a gente precisa de lá, porque a maré aqui... tem o nosso porto, que é o porto da Batateira. Tem momentos que a gente não consegue sair do nosso porto, a gente precisa do porto da Batateira. Isso eu falando pra subsistência da comunidade de Garapuá: para todo o material dos mercadinho, das casas, de fazer feira... de tudo que você possa imaginar, a gente precisa do porto da Batateira.

Então, é um território literalmente dividido por uso comum. Então assim, imagina: vai cercar e vai deixar o que pra gente circular em nossos territórios? Espaços fechados, como alguns espaços que eles já estão fazendo nas proximidades da praia... E como é que ficarão as planícies de Garapuá?! Nosso território é bem plano, ele não tem planaltos. Sendo planícies, ele alaga com muita facilidade, mas também a gente tem muito arial; no verão é muita areia, por isso a gente precisa de um veículo 4x4 para conseguir transitar de Garapuá pra Batateira e outras regiões, pro Morro. Nós daqui do lugar temos a artimanha de circular e sobreviver em nosso território. A gente tem vários caminhos de verão a verão – eles se modificam –, e temos vários caminhos no inverno, que também se modificam.

As dificuldades e as cercas hoje no nosso território. Hoje tem muita cerca, fazendeiro tomando terra, vendendo sem documento. Isso atrapalha nosso caminho, a gente tem que passar por debaixo da cerca. Esses ricos chegam, fazem pousada, casa de veraneio, não trazem nada pra comunidade, só tiram. Preferem comprar marisco em outro lugar pra não comprar da gente. Isso incomoda demais. *(Ana Paula)*



Imagem 11 e 12 :
transporte da
comunidade terrestre e
fluvial (Tomáz, 2023)

A comunidade tradicional tem que ter território livre, porque dependemos da natureza, do fluxo dela, dos caminhos – que podem ser bons no verão, mas no inverno já se modificam. Nós entendemos essas mudanças; somos um só corpo: nós e a natureza.

Então, temos, no mínimo, três caminhos de inverno e, no mínimo, três caminhos de verão. E quando a gente não consegue nenhum desses três caminhos básicos, a gente vem por outro caminho. O meu pai mesmo é criador de caminhos de necessidade para a comunidade. Tipo, indo daqui pra Batateira, vai ter várias estradas para veículo e vai ter estradas a caminho de ir a pé. Para o pessoal andando, que é mais rápido, é uma trilha traçada pelos moradores.

Por exemplo, Garapuá e Batateira são características de comunidade tradicional. Assim como nós, acredito que nenhuma comunidade tradicional consegue viver cercada de cercas, nem viver somente de um caminho. A gente tem que ter essa liberdade de acesso – que não é o que tá acontecendo com o acesso às nossas praias, nossos mangues. Eles querem circular e impor somente um caminho, e deixar essa área de cá cercada. Tudo isso para beneficiar os empresários de Cairu, de outros Estados, de outros países, como os italianos; empresas como a Perville, que vem privatizando as praias. Eles tentaram cercar até o poço da comunidade, e um grupo de mulheres resistiu e derrubou as cercas. Imediatamente, eles abriram um processo contra a comunidade.

Soubemos agora que a Perville está questionando nossa certidão quilombola. Quem são eles pra dizer quem nós somos? Quem são eles pra questionar nossa identidade? O italiano vem, invade, se apropria de nosso território, se dá o direito de cercar o que bem entende e ainda vem nos questionar? Questionar nossa ancestralidade? Quem eles pensam que são? Eles não conseguem nem se comunicar direito conosco. Eles não têm noção do que é uma comunidade tradicional.

Aliás, eles nunca chamaram a associação para uma conversa e, ainda, querem questionar nossa identidade? Questionam a Fundação Cultural Palmares porque têm interesses empresariais. E eles divulgam em rede nacional e internacional – porque eles têm ligação com a China –, eles divulgam Garapuá como tendo 88 hectares de produção de um grande empreendimento. Então, assim, é literalmente cercar a comunidade. Aqui, nós somos uma comunidade pequena, um pouco mais de mil habitantes. É uma comunidade em que a parte da saúde e da educação atende o quilombo de Batateira.



Imagem 11 e 12 : transporte da comunidade terrestre e fluvial (Tomáz, 2023)

SAÚDE, EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E OS GRANDES EMPREENDIMENTOS

A comunidade resolveu possibilitar que 80 famílias fizessem suas casas numa área de uso comum da comunidade – dentro do seu território de uso tradicional –, e desde lá vem sofrendo violências e ameaças dos seguranças dos fazendeiros, de empresários, e também tem sido alvo de ações judiciais, as quais não podem prosperar, pois estão baseadas em mentiras.

O Quilombo Batateira, na parte da saúde e educação, utiliza os serviços do Quilombo Garapuá. Tudo que afeta Garapuá, conseqüentemente, afeta o quilombo de Batateira, e vice-versa; a gente tem bem compartilhado isso, tanto os benefícios como os malefícios. A gente tem um pedaço de terra... as terras internas. De um lado, ficamos presos pelos Coutinhos e, por outro lado, pelo Garapuá Participações, com envolvimento de Daniel Dantas, depois a Perville. Então, a gente tá literalmente preso, sem condição de expansão e de proteção dessas matas

E, mais do que isso, a gente tá vendo essas matas todas sendo destruídas aos poucos. Eles agora montam a estratégia de que vão tirando a mata grossa por baixo e deixando algumas árvores em pé, e depois eles vão alterando... É uma estratégia, é... pra gente não conseguir enxergar diretamente a grande devastação. E agora, a comunidade está literalmente com medo e assustada, porque a gente tá com um grupo de 'Garapuá participações' com grandes investidas na comunidade, querendo construir um possível resort com quadra de golfe, etc.

A gestão municipal informou a gente numa reunião, onde tava Batateira e Garapuá, que iria construir uma pista de aeroporto entre o território de Garapuá e Batateira, afirmando essa construção sendo que não houve uma consulta e sequer um consentimento dessas duas comunidades quilombolas. A prefeitura, em plena pandemia, contratou e publicou em diário oficial – por R\$ 90.000 – um antropólogo chamado Edmundo Fonseca Machado para fazer um relatório sobre nossa identidade. Primeiro, nós não reconhecemos este antropólogo;



Figura 14: modo de viver: navegação e casas de madeira - território pesqueiro (Tomáz, 2023)



SAÚDE, EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E OS GRANDES EMPREENDIMENTOS

mas, essa pessoa nunca esteve aqui na comunidade, muito menos na Associação Quilombola e Pesqueira de Garapuí – AQPEGA, que defende os direitos territoriais da comunidade. Então, essa associação tem que ser levada em consideração. E o que a gente escuta da gestão municipal é que a Associação não manda em nada, e que a Prefeitura faz vínculo com a apropriação que ela quiser. Então, ainda que esse antropólogo ou qualquer outro empreendimento faça vínculo com qualquer associação da comunidade, a associação que defende o território precisa ser consultada.

E o que que a gente está vendo é que há uma forma de contar outras associações da comunidade para tentar prejudicar a Associação Quilombola no direito territorial. Enquanto membro dessa Associação, moradora da comunidade e ativista nesse direito territorial da comunidade, eu fico bastante chateada com os órgãos públicos, que era quem deveria está nos protegendo.

O INEMA, só agora recente que fez uma fiscalização mais aprimorada... mas a comunidade questiona que tipo de atuação e de proteção que o INEMA faz, assim como questionamos a SPU. As áreas de Garapuí são de domínio da União; a SPU sequer fez visita à comunidade. A SPU, pelo que eu tô percebendo, não fez nada. A Prefeitura vem, traz antropólogo, topógrafo, demarca, vai lá e pede o uso dessas áreas... e a SPU não sabe se ali tem sequer uma comunidade tradicional?! Parece conivência. Veja que já solicitamos à TAUS e a SPU sequer ainda veio à comunidade.

Essas fazendas aqui nunca foram cercadas, tínhamos liberdade pra catar coco, pescar, circular e usar todas as estradas. Daqui de Garapuí até o Pontal não tinha cerca, a gente passava de trator sem ter a cerca beirando a praia. Aqui tinha muitas amendoeiras. A filha da finada Dirce vendeu o pastinho, depois o Daniel Dantas mexeu na cerca, tinha uma distância da praia, agora a cerca pegou toda a praia e com a maré não dá mais pra passar com o trator.

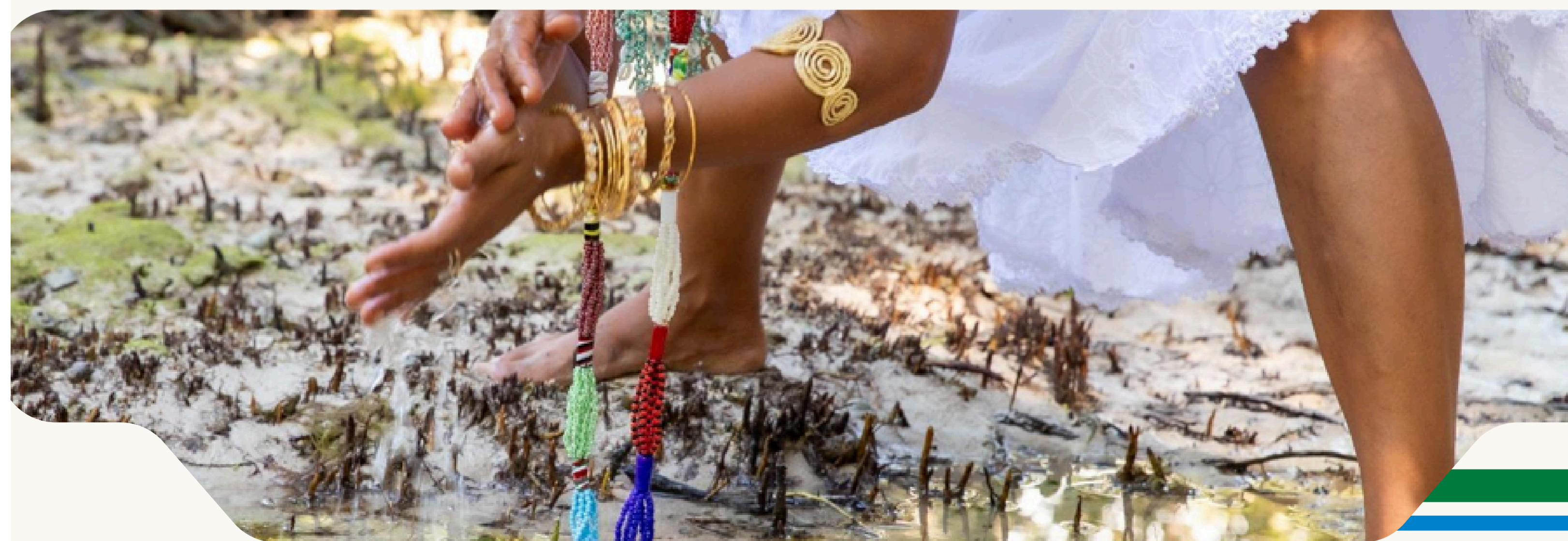




Imagem 15: tradição do Candomblé - Mãe Nazilde (@jicostamontenegro.fotos)

Nessas terras a natureza está em tudo, nós sabemos como usar caminhos, mangue, maré, praia, agora com tanta cerca fica difícil, muda tudo. Aí ficamos nessa situação com tudo cercado. A natureza é cercada e nós também. Como é que se vive num lugar desse? Então, isso aqui eu conheço: o pai de Zé Augusto, que é o homem mais velho que eu conheci aqui, dizia a mim: “Seu João, o território nosso se deslocava da praia até para além da lagoa; era o finado Zezinho, finado José Gomes, que conhecia tudo aqui. *(João Dutra)*.

Meu nome é Nazilde Duamparo Jesus Santos, tenho 49 anos, amanhã faço 50. Sou do Axé, do Candomblé, das matas e das águas de Garapuá, Cairú, Bahia. Nasci e fui criada dentro de terreiro, onde aprendi a força dos quatro elementos da natureza, água, terra, fogo e vento. Minha ancestralidade está toda aqui, é dela que vem minha fé e minha força. *(Nazilde Duamparo Jesus Santos)*

O Axé pra mim é trabalhar com os elementos, acreditar em Oxalá, confiar no universo. Eu alimento meus orixás e eles me alimentam. Trabalho nas matas e nas águas, porque é dali que vem nosso sustento. Uso ervas, uso a força da natureza: arruda, guiné, manjerição, aroeira. Não tem como viver sem isso, porque é parte da nossa fé e da nossa vida. *(Nazilde Duamparo Jesus Santos)*.

SAÚDE, EDUCAÇÃO, MEIO AMBIENTE E OS GRANDES EMPREENDIMENTOS

Hoje quase não temos mais terreiro, muitos espaços foram queimados por empresários. Cercaram as matas, botaram arame farpado, tiraram nosso acesso. A intolerância religiosa é forte, chamam a gente de bruxa, discriminam, olham torto. Mas eu não tenho medo, eu continuo resistindo. É difícil ver bandeiras de países genocidas levantadas dentro do nosso território, enquanto nossa matriz africana é sufocada. Isso é inaceitável. (Nazilde Duamparo Jesus Santos).

Apesar de tudo, eu contribuo e resisto. Amo Garapuá, amo meu povo, minha comunidade. Garapuá está em mim e eu estou em Garapuá. Eu vou onde meu orixá me chama, seja praia, mangue, floresta ou rio. Continuo firme, porque o Axé é minha vida, minha fé, minha raiz. Estou aqui para fortalecer, abraçar e dizer: Nená está com vocês. (Nazilde Duamparo Jesus Santos).

Meu nome é Jennifer Carolina Rafael de Jesus. Eu tenho 16 anos e, basicamente, eu só estudo. Eu estudo no IFE, Instituto Federal de Ciências e Tecnologias Baiano, no campus Valença, aqui na cidade de Valença mesmo. E eu poderia dizer que a importância do território para mim é só por ser bonito, mas na verdade não, é bem diferente e bem mais complexo que isso. Porque muitos acham que a importância do território de Garapuá em si é só por preservar a beleza de Garapuá, mas eu encaro a importância do território como identidade e não preservar a beleza que muitos podem ver, mas sim a identidade do povo que vive lá desde sempre, a cultura, a história do lugar onde eu cresci, nasci e pretendo continuar por muito mais tempo. (Jennifer Carolina Rafael de Jesus).



Imagem 18: tradição quilombola na comunidade de Garapuá (Arquivos CPP)

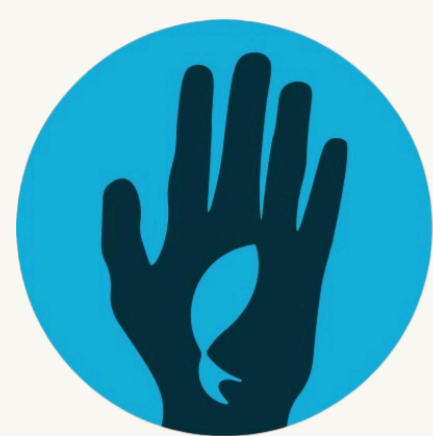
Na comunidade em si, eu não participo de nada em específico, porque também eu acho que não tem. Mas sempre que tem reuniões com associação ou coisas abertas em que eu possa participar ou possa ajudar, eu ajudo. E aqui na escola em si eu participo de um núcleo chamado NEAB, que é o Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas, onde a gente tem rodas de conversa, palestras e eventos especializados não só nos indígenas, mas também nos quilombolas. Onde eu falo sobre Garapuá e a gente discute sobre muitas outras comunidades quilombolas também. *(Jennifer Carolina Rafael de Jesus).*

Imagem 19: tradição quilombola na comunidade de Garapuá (Arquivos CPP)

Na minha comunidade, em Garapuá em específico, eu espero que ela continue com a identidade dela, com a cultura dela. A praia, o manguezal, as casas, a areia, os pés antigos, como o pé de manga, os campos. Mas eu também espero que ela evolua. Como, por exemplo, novos empreendimentos, novos lugares abertos, como cinemas, shoppings, que poderiam ter, já que tem espaço. Mas sem perder a identidade de Garapuá. E que Garapuá continue sendo uma comunidade das pessoas que nasceram, cresceram e têm direito de estar na comunidade. *(Jennifer Carolina Rafael de Jesus).*

E não seja habitado por muitas outras pessoas que chegam de longe e percam a identidade de Garapuá em si. Como, por exemplo, o Morro, que é um lugar que eu considero muito lindo, mas hoje em dia não tem a identidade que ele tinha no início. E eu espero para Garapuá uma evolução, mas uma evolução com identidade *(Jennifer Carolina Rafael de Jesus).*

A P O I O



CPP
CONSELHO PASTORAL DOS
PESCADORES E PESCADORAS
Bahia e Sergipe

act:onaid



misereor
AÇÃO COMUM JUSTA GLOBAL

 **DIE STERNSINGER**
KINDERMISSIONSWERK